

MALTEZ, José Adelino. (2004-2005). *Tradição e Revolução. Uma biografia do Portugal Político do século XIX ao XXI.*
2 vols. Lisboa: Tribuna da História.

Cláudia Toriz Ramos
UFP

«Aos homens livres, livres da finança e da partidocracia, que ainda resistem! E que não recorrem ao nihil obstat dos colectivismos morais que nos continuam a castizar e a clericalizar, em esquerdas ditas anti-fascistas e em pretensas maiorias confessionais!

E sem qualquer temor hipocritamente reverencial face à gerontocracia dos venerandos marechais espirituais da república, cujos cajados inquisitoriais, visando o sempiterno divide et impera, nos continuam a arrebancar em medos, feudos e capelinhas, entre lojas, células, jantarinhos, serões e sacristias!»

Assim dedica José Maltez as 1378 páginas desta “biografia” do Portugal político contemporâneo, num repto inicial com o cunho bem próprio do autor. A mesma linguagem de forte tempero, mas também um sólido estilo argumentativo, dão corpo aos dois capítulos iniciais do primeiro volume (161 páginas) e aos cinco capítulos da abertura do segundo volume (153 páginas). Ao mais, o corpo do texto, i.e., a biografia do Portugal político, estabelece, ano a ano, de 1820 a 2005, uma factologia comentada dos acontecimentos políticos que marcam a construção do Portugal contemporâneo. No fim do primeiro volume, uma longa tábua de referências elenca «*Fontes bibliográficas e de cronologia onomástica*».

«*Pela Santa Liberdade!*», o primeiro dos capítulos iniciais do volume I congrega um conjunto de escritos, na aparência dispersos. Ao jeito de uma “ego-história”, dão-nos uma visão da visão do autor, sobre o mundo que o rodeia, num texto que não releva da “ciência convencional” («*Porque não apetece mais escrever desses fingidos livros, sistémicos e tratadísticos, de cujos pesos me tenho que livrar para ficar mais*

livre (...)») mas que adianta para a compreensão global da obra que apresenta. No mesmo registo do texto anterior, a questão, sempre relevante em ciência política, da divisão direita-esquerda é discutida ao capítulo segundo deste mesmo volume, explicitando José Maltez o seu próprio posicionamento e as perplexidades e incoerências que uma visão demasiado estreita e demasiado classificatória de tal linha de demarcação pode introduzir numa sociedade como a portuguesa. O título do capítulo é, a esse propósito, condimentado e significativo: «*Dos Fantasmas de Direita aos Complexos de Esquerda. Entre bonzos, endireitas e canhotos.*».

O volume II abre com uma reflexão designada «*Para uma Caracterização do Portugal Contemporâneo*». Prossegue com o mesmo cunho pessoal dos textos anteriores, na interpretação proposta (veja-se o subtítulo do capítulo: «*Ou a tradução em calão do jacobinismo concentracionário*»), mas evidencia sobretudo o pensamento maduro de um político do presente que absorveu do historiador a visão do tempo longo, uma espécie de profundidade temporal que articula a contemporaneidade portuguesa ao longo dos seus dois séculos. Textos como «*O mito da modernização*», «*A partidocracia*», «*A crise do próprio povo*», ou «*Pátria, sociedade anónima*», para nomear apenas alguns, abordam aspectos nucleares de uma sociologia política do Portugal contemporâneo. O autor afirma, por exemplo: «*A ideia de democracia não tem culpa de, na nossa, ainda dominar a lógica absolutista, jacobina e centralizadora, herdeira de um pombalismo, sucessivamente napoleónico e salazarista, sempre com a mania de construir aquela unicidade estatista que prefere o concentracionarismo e o centralismo à unidade na diversidade e à mobilização das diferenças.*». Os capítulos seguintes abordam, respectivamente: o constitucionalismo português, entre os modelos abstractos e as condicionantes históricas (segundo capítulo); o «*revolucionarismo permanente*», em torno das sucessivas revoluções e restaurações da história contemporânea portuguesa (terceiro capítulo); «*A guerra civil fria*» sobre sociedades secretas e a questão político-religiosa (quarto capítulo). Finalmente, em «*Compadrismo e Corrupção: Partidocracia, comunismo burocrático, feudalismo financeiro e falta de educação*» (quinto capítulo) o autor aborda de forma veemente os problemas da articulação entre Estado e sociedade civil, no Portugal do presente, com uma incursão também pelo tema da educação. No último texto

deste capítulo, afirma: «*Séculos de inquisição, de devorismo e de autoritarismo estadual criaram estes restos de sociedade pós-totalitária onde, com muitas encenações de compadres, comadres, tias e sobrinhos, persiste um subsistema de medo e uma dinâmica de oportunismo que marcam esta sucessão de spoil systems, onde os directórios partidários continuam a confundir os partidos gestores com o Estado, enquanto os encenados líderes partidários não são os efectivos donos do poder, aqueles que actuam nos subterrâneos e nas faces invisíveis do mesmo.* ».

Em suma: uma longa e útil biografia política do Portugal contemporâneo, de par com uma reflexão pessoal sobre a persistência de muitas tradições, através das revoluções portuguesas e sobre o espaço da «santa liberdade» e a oportunidade da «resistência», na sociedade portuguesa do presente. Um exercício de livre e, por vezes, jocoso pensamento, aprazível à leitura e fecundo de ideias. Um instrumento para universitários mas também para um público mais vasto de apreciadores do debate de ideias em torno da política e da história política portuguesas.